

Emily,

Emily,

Guilherme Condimoura

© **Guilherme Conde Moura Pereira, 2024**

Coordenação editorial Bárbara Tanaka

Assistente editorial Juliana Sehn

Capa Davi de Sousa

Projeto gráfico e diagramação Bárbara Tanaka

Fotografias Ramy Kabalan, Ave Calvar Martinez e Roman Tymochko

Comunicação Hiago Rizzi

Produção Letícia Delgado, Lucas Tanaka e Raul K. Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecário responsável: Henrique Ramos Baldisserotto – CRB 10/2737

C745e Condimoura, Guilherme
Emily, / Guilherme Condimoura. — 1. ed. — Curitiba, PR:
Telaranha, 2024.

72 p.

ISBN 978-65-85830-12-6

1. Poesia Brasileira I. Título.

CDD: 869.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura Brasileira 869.91

“We lose—because we win—
Gamblers—recollecting which
Toss their dice again!”

— **Emily Dickinson**

Direitos reservados à

TELARANHA EDIÇÕES

Rua Ébano Pereira, 269

Centro – Curitiba/PR – 80410-240

41 3220-7365 | contato@telaranha.com.br

www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil

Feito o depósito legal

1ª edição

Novembro de 2024

sumário

segunda lei da termodinâmica, **11**

agora já não te perco; inevitável cinema, **13**

ghost in the shell, **17**

ل أبيب, **19**

queremos tanto a bilinda, **21**

shannen cassidy, **23**

frank o'hara | 791 broadway, new york, ny, **25**

mati diop, **27**

rembrandt, pollock, **29**

snuff, **31**

laura palmer, **33**

kathakali, **37**

leonardo marona, **39**

坂井泉水, **41**

boris, **43**

keira, **45**

kamen rider, **47**

candy darling, **49**

runescape, **51**

begleitungsmusik zu einer lichtspielszene, **53**

o terceiro mistério de emily, **55**

o ateneu, **57**

bacia das turcas, **61**

posfácio, por rita isadora pessoa, **65**

sobre o autor, **69**



segunda lei da termodinâmica

Emily, é fim de mês,
com
a insistência de única torcedora do Náutico desta
cidade, você
adentra

a – impossível –
tarefa de
redistribuir a nudez de
seus ângulos

: as faces dos cavalos, o
que dizem sobre suas
--?

[a reta que seus dentes traçam sob a tinta]

as asas da mariposa, um código topográfico de
Galápagos,
Emily, ----

[o pouso sobre as costas nuas e/
o vapor particular do cio da terra]

sob sua camisa, pulsa --
-- se acumulam cadernos sob a palma da mão
é necessário, Emily
: desmontar o tubo
em carta

[ninha da lama,/ no centro de uma cova de lobo,/]
a rã se refresca]

agora já não te perco;
inevitável cinema

não é impossível
nem escrever
mas a carta
ainda foi enviada pela metade,
contava a história
de uma professora que lhe
disse de um antigo aluno
que morreu
simplesmente por se barbear
se barbear demais, talvez

fechou o casaco
sentada de frente para o
rio lamacento, onde uma carcaça de
cão boiava
tranquila
a outra, segunda, na ponta dos pés
traçando um arco no ar

[plano detalhe;
a carcaça do cão morto
boiando
]

“podemos tudo”
“podemos algo?”
“me salva”
“não”

a lâmina
o sangue, a carta
pela metade

“eu queria saber” soltou o corpo do ar, as
solas dos pés descalços bateram na terra, largou
os braços “por que o garoto morreu”
“porque se barbeou demais” afundou mais
dentro do casaco
“mas e o cão, por que morreu?”
“alguém matou”
“me salva”

[close-up
na primeira;
o nariz avermelhado de frio]

“e se eu lhe arrancasse os braços?”
“doeria”
“então, posso lhe furar os olhos?”
“você pode tudo, podemos tudo, já disse” voltou a se erguer na
ponta dos dedos
usou a mão esquerda para
tapar o sol, proteger
os olhos
“o cão já sumiu”
“ele não sumiu, ainda está no rio,
só não mais aqui”
“o rio não vai para lugar nenhum”

[corte]

a mão da primeira a
percorrer o rosto da segunda

as respirações
se misturavam em fumaça e frio
abriu com a ponta dos dedos
o olho direito
olhou fundo na pupila, viu seu reflexo, com o casaco
totalmente fechado
“me salva”
“sim”
passou a lâmina de barbear pelo olho gelatinoso
escorreu
branco e vermelho, pela bochecha

ela sorriu
foi até o olho esquerdo
abriu também, delicadamente
com as pontas dos dedos,
se aproximou encostando a língua
na matéria gelatinosa,
sentiu fome
uma fome de cão

[corte;
a nuca da segunda que está virada para o rio]

“o que vê?”
“a segunda metade da carta”
“nós podemos tudo”
“sim, podemos tudo”

esboços do rosto tropical. mistério,
a argentina se calava no
canto da sala, com
agulhas entre os dentes

era a época das conversas
sobre Artaud
de outras leituras de Hamlet
de um dia fino
confundido
entre sábado e
sexta-feira
quando anjos
abriam as linhas do céu anunciando a volta
de todos
mal-entendidos

o ônibus precisava terminar
a viagem; a fronteira
do teu braço

as garotas da escola
esticadas sobre a mureta, a
tensão dos
joelhos, uma
fenda daquela
fome

tão quentes são
as noites em Santos, enquanto
soam os passos